

**OS CAMINHOS DA PRODUÇÃO COLABORATIVA DE NOTÍCIAS:
Uma análise do *Eu-Repórter* e do jornal *O Globo***

Maísa Maryelli de Oliveira¹

Laene Mucci Daniel²

Resumo

Com o surgimento do webjornalismo colaborativo, alguns veículos estão se valendo da disposição do receptor em produzir conteúdos noticiosos. É o caso do site do *Globo*, que criou a seção *Eu-Repórter*, destinada à divulgação de fotos, textos, áudios e vídeos feitos pelo público. Este artigo busca analisar como os materiais colaborativos produzidos para o *Eu-Repórter* são apresentados no jornal *O Globo*. Para tanto, foi realizado um levantamento de dez dias junto aos dois veículos. A partir dos resultados encontrados, pretende-se discutir como a equipe editorial vê o colaborador, a abertura dada a ele e o impacto da cooperação sobre o impresso.

PALAVRAS-CHAVE

Webjornalismo colaborativo; *Eu-Repórter*; *O Globo*; abertura planejada.

1. Introdução

O progresso das tecnologias digitais de informação e comunicação, aliado ao desenvolvimento da web 2.0, tem oferecido condições favoráveis para que o webjornalismo prospere. As novas formas de publicar e compartilhar conteúdos potencializam a interação entre usuários da rede, de modo que a web tem se tornado um verdadeiro espaço de trocas e produção de informações. Nesse contexto, emergem experiências de webjornalismo colaborativo, no qual cidadãos comuns se tornam produtores de notícias.

A nova lógica de produção de conteúdo jornalístico diferencia-se da estrutura tradicional de comunicação, que segue o clássico modelo: emissor – meio – mensagem – receptor. A fronteira entre produção e recepção de informações torna-se difusa ou

¹ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Programa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural; marisoliveirafraza@gmail.com.

² Universidade Federal de Viçosa (UFV); Mestre em Extensão Rural pela UFV; laenemucci@gmail.com.

inexistente, pois qualquer indivíduo pode produzir e disseminar conteúdos por meio de blogs, sites ou canais colaborativos.

Estudos apontam que essa é uma tendência real e irreversível. Assim, resta às diferentes mídias saber lidar com este novo fluxo de informações e aproveitar-se dele. Alguns veículos têm tomado iniciativas neste sentido, como é o caso do webjornal *O Globo*, que conta com o *Eu-Repórter*, um espaço em que “os leitores são repórteres”. A ideia é que o cidadão “faça a notícia” e envie para o site. Textos, fotos, vídeos e áudios produzidos pelo leitor e selecionados pelos editores são publicados no *Eu-Repórter* e, em alguns casos, ganham espaço no jornal *O Globo*.

A abertura de grandes veículos de comunicação ao webjornalismo colaborativo é um processo recente, em desenvolvimento, que precisa ser problematizado. Este trabalho busca analisar o modo como os conteúdos colaborativos produzidos para o *Eu-Repórter* se apresentam no impresso *O Globo*. Em consonância, pretende-se discutir as problemáticas referentes ao modo como a equipe editorial tem encarado a presença do colaborador na produção de conteúdos jornalísticos, o grau de abertura que o veículo tem dado a esse novo personagem e o impacto da cooperação sobre o jornal.

2. Desenvolvimento

Os conhecimentos adquiridos com a web 1.0 sustentaram a transição para a web 2.0, uma experiência mais aberta e mais voltada para o fortalecimento do poder do usuário. Segundo Briggs (2007), a nova versão da web permite ao internauta maior controle e flexibilidade na rede e maior criatividade online. Com as possibilidades oferecidas pela web 2.0, o público pôde passar a produzir e publicar conteúdos com facilidade. Assim, foi plantada a semente do webjornalismo colaborativo, também chamado por alguns autores de *cytizen journalism*, jornalismo participativo, comunitário, cidadão e *open source*³. Neste artigo será usada a expressão webjornalismo colaborativo, definida como o processo de produção de conteúdos jornalísticos pelo público para a web.

³ Alguns autores usam o conceito *open source* para designar a construção colaborativa de notícias. O termo pode ser traduzido como código aberto.

Primo e Träsäl (2006) consideram que o desenvolvimento das tecnologias digitais tem motivado o cidadão a fazer parte do processo de produção de conteúdos noticiosos. O crescimento de tecnologias que facilitam a publicação e cooperação na rede tem promovido uma integração em torno dos processos de redação, veiculação e debate de notícias. Além disso, a internet está mais acessível, graças ao barateamento dos computadores e das conexões e à multiplicação de serviços e pontos de acesso gratuitos.

A popularização dos celulares também tem sido um fator determinante para o desenvolvimento do webjornalismo colaborativo, pois permite ao público fazer fotos e vídeos e divulgá-los por meio de mensagens multimídia. Com isto, a cobertura jornalística tem se tornado mais ampla, já que o cidadão comum está em todos os lugares. “As empresas jornalísticas passaram a contar com a pulverização de fontes de imagens e informações, mesmo onde não haja qualquer jornalista ou repórter-fotográfico.” (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 4).

É visível que essa nova modalidade comunicacional introduz mudanças na forma como o público se relaciona com a informação, com os veículos e com os jornalistas. Nesse sentido, alguns autores questionam a validade do webjornalismo colaborativo. Em contrapartida, Primo e Träsäl (2006) defendem que, a longo prazo, a colaboração pode beneficiar os diferentes veículos, pois “erros e manipulações serão desestimulados pela perspectiva de que sempre haverá algum leitor disposto a desmascará-los. (...) Os profissionais poderão se valer desta disposição da audiência em ajudar.” (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p.17).

Ainda sobre a colaboração, Lindemann (2007) destaca que o grau de interação e de autonomia dos colaboradores varia de acordo com o nível de abertura dos sites ou canais. Por exemplo, os editores do jornal *O Globo* decidem quais conteúdos enviados ao *Eu-Repórter* terão espaço no impresso. Desta forma, eles determinam a abertura do veículo à colaboração.

A autora propõe duas hipóteses para casos em que editores mediam a publicação de conteúdos colaborativos. A primeira delas é de que os projetos de jornalismo colaborativo vinculados a empresas privadas precisam de um profissional que filtre as informações para assegurar que a linha editorial do grupo seja seguida. A segunda hipótese afirma que a

presença do moderador se faz necessária para garantir a veracidade das informações divulgadas e a credibilidade do veículo.

2.1. Olhar Multiperspectivo

Contrariando alguns autores, Träsel (2006) defende que o webjornalismo colaborativo não tem a pretensão de concorrer com o jornalismo tradicional. Para ele, essa modalidade comunicacional se propõe a complementar as informações divulgadas pela grande mídia e a fiscalizá-la, na tentativa de assegurar a pluralização de olhares sobre um mesmo fato. Além disso, a colaboração se configura como uma ferramenta para apontar falhas, distorções e limitações do jornalismo tradicional. Para o autor, a participação do público favorece a publicação de informações mais precisas.

Lidemann (2007) associa as ideias de Träsel (2006) a conceitos referentes ao jornalismo multiperspectivo proposto por Gans (2004). A autora acredita que algumas características dessa prática vão ao encontro daquilo que o webjornalismo colaborativo propõe, sendo elas:

- Realização de uma cobertura jornalística mais ampla, que não se limite à consulta de fontes básicas, oficiais ou de fácil acesso, às quais os veículos tradicionais estão acostumados a recorrer;
- Destaque para as notícias mais representativas, baseadas em coberturas diversificadas, envolvendo opiniões de todos os setores da sociedade (grupos de diferentes idades, níveis escolares, religiões e ideologias políticas) e relatos que dizem respeito aos papéis das pessoas (em suas funções de pai, empregado, paciente, etc.);
- Enfatizar as notícias de serviços, oferecendo informação de qualidade para setores e papéis específicos. É preciso ter em mente que a população é heterogênea e tentar atender às necessidades de cada público.

Lindemann ressalta que Gans (2004) idealiza o jornalismo multiperspectivo sendo praticado na mídia tradicional. Ele não faz referência especificamente ao webjornalismo colaborativo. Porém, acredita-se que a participação do cidadão no processo de produção de conteúdos noticiosos possa ir ao encontro da prática jornalística proposta por Gans, como Lindemann (2007) destaca:

(...) a prática do webjornalismo participativo pode sim favorecer um processo dialógico significativo na sociedade, abrangendo fontes mais diversificadas e abordando diferentes perspectivas (...) acredita-se que esta prática possa favorecer um jornalismo mais atento e comprometido, na medida em que os internautas/colaboradores passem a utilizar essas ferramentas interativas para fiscalizar a mídia tradicional. Faz-se necessário, para tanto, que o público aprenda a se inserir neste processo de forma saudável, a fim de estabelecer um diálogo, ou seja, uma verdadeira comunicação. (LINDEMANN, 2007, p. 52-53).

Primo e Träsel (2006) lembram que, enquanto a existência do webjornalismo colaborativo depende da participação do público na produção de conteúdos, a publicação de notícias na mídia tradicional não está condicionada à contribuição do leitor. Embora independa da produção colaborativa, *O Globo* abre espaços para a inserção de conteúdos enviados ao *Eu-Repórter*. Este trabalho objetiva analisar o modo como esses conteúdos colaborativos se apresentam no impresso. Para tanto, a metodologia empregada será a análise de conteúdo. Assim, foi selecionada uma amostragem aleatória⁴ composta por dez edições do jornal *O Globo* e dez da seção de webjornalismo colaborativo *Eu-Repórter* referentes aos dias 19, 20, 21, 24, 27, 29 e 30 de setembro e 1, 2 e 3 de outubro de 2011. Para contextualizar a discussão, serão apontadas algumas características desses dois veículos.

2.2. *O Globo*

Fundado em 1925, *O Globo* é um jornal do Rio de Janeiro, diário, com circulação nacional, direcionado às classes A e B. O impresso se divide nas seguintes editorias: O País, Opinião, Rio, Economia, O Mundo, Saúde & bem-estar, Ciência, História, Esportes e Segundo Caderno. Além disso, publica alguns cadernos especiais e suplementos.

Na capa do jornal, mais especificamente no cabeçalho, a primeira informação encontrada pelo leitor é o endereço do site do *Globo* que, além de disponibilizar a versão digital do jornal, oferece a seus leitores notícias sobre os fatos de maior destaque do dia, no Brasil e no mundo. No impresso, sempre que há informações adicionais sobre uma matéria,

⁴ Inicialmente, a ideia era analisar os dois veículos em um intervalo de dez dias consecutivos, mas como o jornal *O Globo* não chega a Viçosa, cidade em que o levantamento foi realizado, todos os dias, foi necessário fazer uma adaptação. Assim, foi obedecida a sequência de dias em que a autora teve acesso ao impresso.

o endereço para que o leitor tenha acesso a esses detalhes é fornecido ao lado do texto. O esquema funciona como um link que direciona o público para o site do *Globo*.

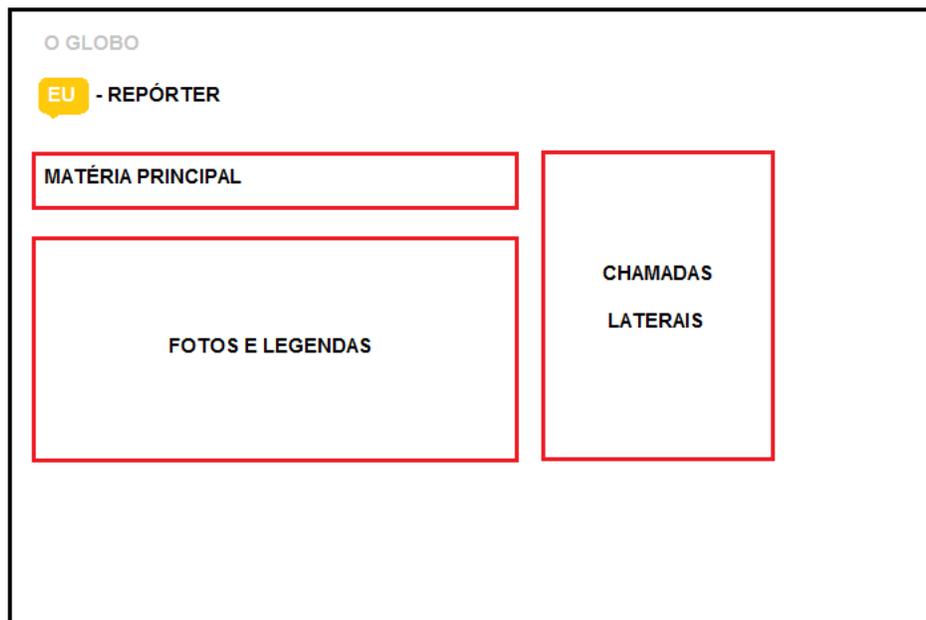
2.3. *Eu-Repórter*

O *Eu-Repórter* é um espaço onde “os leitores são repórteres”, como o próprio site afirma. O objetivo é que o cidadão comum “faça a notícia” e envie para esta seção de webjornalismo colaborativo. Para contribuir, é necessário fazer um cadastro gratuito. Textos, fotos, vídeos e áudios produzidos pelo leitor são publicados no *Eu-Repórter* após passarem pela moderação de uma equipe editorial. Em alguns casos, esses conteúdos ganham espaço no jornal *O Globo*.

Com intuito de criar uma imagem de credibilidade, o *Eu-Repórter* frisa que, apesar da cooperação do público, as matérias publicadas são escritas por jornalistas. Em todos os textos, consta a mensagem: “O Globo, com a colaboração do leitor”, seguida pelo nome do colaborador. Além disso, há uma conexão entre o *Eu-Repórter* e as redes sociais. Junto a cada notícia, é disponibilizado o número de recomendações que ela recebeu no Facebook e o número de tweets.

A seguir, serão expostos alguns dados referentes ao levantamento realizado junto à seção de jornalismo colaborativo do site do *Globo*. As informações dizem respeito às subseções de maior destaque no *Eu-Repórter*, aqui chamadas de “Matéria principal”, “Fotos e legendas” e “Chamadas laterais” (Figura 1). Na sequência, serão feitas algumas discussões em torno dos resultados apresentados, na tentativa de traçar um panorama acerca da colaboração no site do *Eu-Repórter*. Por fim, será analisado o modo como os conteúdos colaborativos se inserem no jornal *O Globo*.

Figura 1 – Representação das subseções de maior destaque



Fonte: Modelo baseado no layout do *Eu-Repórter* até novembro de 2011

2.4. Colaboração no *Eu-Repórter*

O levantamento dos conteúdos referentes à “Matéria principal”, às “Fotos e legendas” e às “Chamadas laterais” reflete a pulverização de fontes de imagens e informações com as quais o site do *Globo* e o impresso passaram a contar desde a criação do *Eu-Repórter*. Nos dez dias analisados, foram contabilizados 88 participantes, sendo que alguns contribuíram mais de uma vez. Percebe-se que, se os conteúdos fossem apresentados em editorias, haveria um predomínio da editoria de Cidades. Apesar da variedade de fontes, as coberturas centraram-se, predominantemente, em assuntos relativos à capital carioca. Nota-se, ainda, que a colaboração acontece, em sua maioria, por meio do envio de fotos.

No caso do *Eu-Repórter*, que é uma seção colaborativa vinculada a uma empresa privada, as Organizações Globo, pode-se perceber que o jornalista exerce total controle sobre o conteúdo publicado. Acredita-se que a moderação vise a assegurar a manutenção da linha editorial do grupo e garantir a veracidade das informações divulgadas e a credibilidade do veículo. Sendo assim, há grande semelhança entre os critérios de noticiabilidade usados pelo *Eu-Repórter* e pelo jornal *O Globo*.

2.5. As inserções de conteúdo colaborativo no jornal *O Globo*

Os materiais produzidos pelo público e enviados ao *Eu-Repórter* têm espaço nas páginas do jornal *O Globo*, mas vale ressaltar que a abertura ao público é planejada. Os conteúdos colaborativos disponibilizados no site são filtrados pela equipe editorial antes de serem publicados no impresso. Como resultado dos dez dias de análise do *Eu-Repórter* e de todo o jornal *O Globo*, pode-se perceber que as produções de caráter colaborativo encontram-se, basicamente, em duas editorias do impresso: Opinião e Rio.

2.5.1. Editoria de Opinião

A página oito é destinada exclusivamente à publicação de materiais enviados pelo público. A seção intitulada “Dos Leitores – Pelo email, pelo site do GLOBO, por celular e por carta, este é um espaço aberto para a expressão do leitor” reúne, diariamente, colaborações em forma de cartas, comentários, fotos e tweets. Esses conteúdos são estrategicamente inseridos na editoria de Opinião, revelando um esforço da equipe editorial para diferenciar o que é produzido por jornalistas daquilo que é feito pelo público. A intenção é separar o conteúdo colaborativo do restante do jornal, na tentativa de resguardar a imagem de credibilidade do impresso.

A diagramação da página oito é feita de modo que os materiais elaborados pelo leitor sejam apresentados separadamente. A parte proveniente do *Eu-Repórter* encontra-se inserida na subseção “Na internet e no celular”, junto a conteúdos extraídos do Facebook, do Twitter e do site do *Globo*. Apesar de destinar espaço para imagens e assuntos vindos da seção de webjornalismo colaborativo, a equipe editorial se preocupa com a adaptação desses conteúdos para o jornal.

No período analisado, *O Globo* publicou 12 fotos enviadas por colaboradores ao *Eu-Repórter*, acompanhadas de legendas. Embora estas legendas tenham sido produzidas por jornalistas, elas não foram assinadas. Acredita-se que a ausência do nome do profissional seja para não causar um estranhamento no público, uma vez que o espaço é

destinado exclusivamente à colaboração. No que se refere ao leitor que cooperou, nota-se que ele sempre é mencionado nas legendas, além de receber o crédito pela imagem.

O jornal conta com uma gama de colaboradores bastante variada. No caso da subseção “Na internet e no celular”, o levantamento apontou dez colaboradores diferentes. Percebe-se que as fotos apresentadas foram extraídas, predominantemente, da área de maior destaque no *Eu-Repórter*, aqui chamada de “Matéria Principal”. As imagens abaixo ilustram o modo como o mesmo conteúdo colaborativo é disponibilizado no *Eu-Repórter* (Figura 2) e no jornal *O Globo* (Figura 3).

Figura 2 – Texto escrito com a colaboração do leitor Alexandre Farias



Fonte: *Eu-Repórter*, 20 de setembro de 2011

Figura 3 - Foto do leitor Alexandre Farias



Fonte: *O Globo*, 21 de setembro de 2011

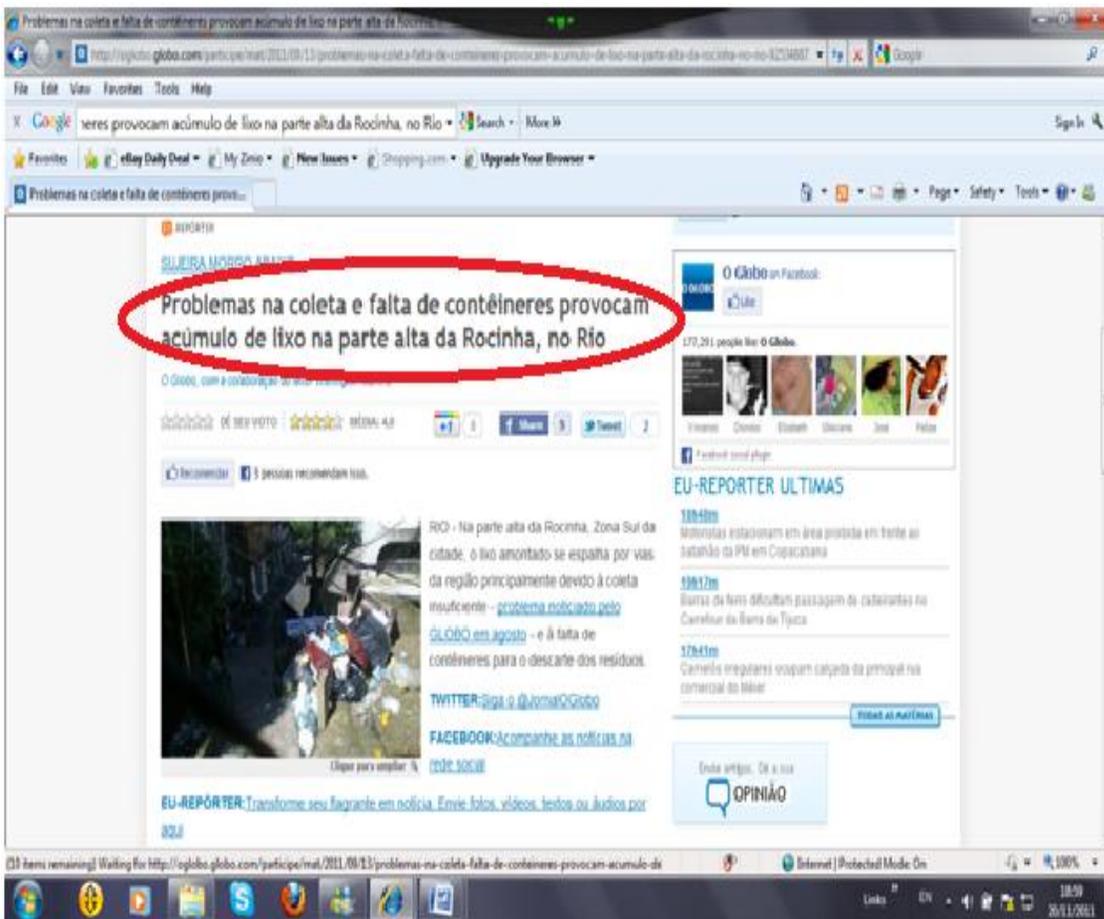
2.5.2. Editoria Rio

Os conteúdos produzidos pelo leitor não se encontram apenas na editoria de Opinião, podem ser vistos também em Rio. Mas existe uma grande diferença na forma como eles são apresentados nessas duas seções do jornal. Como foi detalhado acima, em Opinião há um espaço destinado exclusivamente à publicação de materiais enviados pelo público ao *Eu-Repórter*. Já na editoria Rio, a participação do leitor é menos perceptível. Os conteúdos enviados pelos usuários tornam-se pautas para o jornal *O Globo*. Assuntos⁵ que a equipe editorial considera relevantes são abordados com maior contextualização e aprofundamento no jornal.

⁵ Embora neste trabalho sejam apresentadas apenas as matérias sobre coleta de lixo, durante o levantamento, foram encontrados vários exemplos de temas enviados pelos colaboradores que acabaram rendendo pautas para o impresso.

Como desdobramento de uma matéria disponibilizada no *Eu-Repórter* no dia 13 de setembro de 2011 (Figura 4), *O Globo* publicou no dia 19, na editoria Rio, uma matéria sobre a coleta de lixo em sete comunidades (Figura 5). O texto traz dados da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) sobre a qualidade da coleta de lixo em algumas favelas do Rio em que foram instaladas Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs).

Figura 4 – Matéria disponibilizada no *Eu-Repórter*



Fonte: *Eu-Repórter*, 13 de setembro de 2011

Figura 5 – Matéria publicada no jornal *O Globo*

18 • RIO

O GLOBO

Segunda-feira, 19 de setembro de 2011

Coleta de lixo em áreas de UPP é reprovada

Estudo da Firjan, que ouviu moradores de sete favelas, dá nota dois para o serviço de limpeza de pontos íngremes

Rafaela Santos
rafaela.santos@globo.com.br

• Vilma Balbino Silva, de 58 anos, mora num dos pontos mais íngremes do Morro da Babilônia, no Leme. Até o pé da comunidade são mais de 300 degraus. A dona de casa, que passou por uma cirurgia recentemente, quase nunca desce a favela. Para descartar o lixo, muitas vezes recorre a uma opção nada sustentável: joga os detritos numa encosta ao lado de sua casa. O problema de dona Vilma é semelhante ao de moradores de sete comunidades com Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na Zona Sul, como mostra uma pesquisa concluída pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan). Devido à falta de coleta nos lugares mais altos das comunidades, muitas vezes os moradores descartam os detritos em valas e no chão.

O estudo analisou a qualidade dos serviços de coleta e limpeza. Foram ouvidos moradores e líderes comunitários entre maio e junho deste ano. O ponto em comum entre Chapéu Mangueira e Babilônia, no Leme; Pavão-Pavãozinho e Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana; Morro dos Cabritos e Dona Marta, em Botafogo; e Cantagalo, em Ipanema, foi a

postas pela Firjan para a melhorar a coleta nessas comunidades estão o aumento do número de contêineres, caçambas, lixeiras e contratação de garis especializados para realizá-las em áreas de difícil acesso.

O gerente de Meio Ambiente da Firjan que coordenou a pesquisa, Luís Augusto Carneiro, disse que os garis, na maioria das vezes, só limpam na frente da comunidade e vias por onde os caminhões de lixo conseguem passar. Segundo ele, o estudo é uma forma de chamar a atenção para os pontos mais críticos dessas comunidades.

— Constatamos que as áreas de fácil acesso são razoavelmente atendidas. O que precisa ser feito é aumentar o número de garis, além de ampliar a quantidade e fazer a manutenção dos equipamentos para atender a todas as comunidades. Os moradores merecem viver num local limpo sem sujeira e longe dos riscos que o lixo oferece, como bichos e doenças — afirmou o gerente.

Empresas lançarão projeto de reeducação ambiental

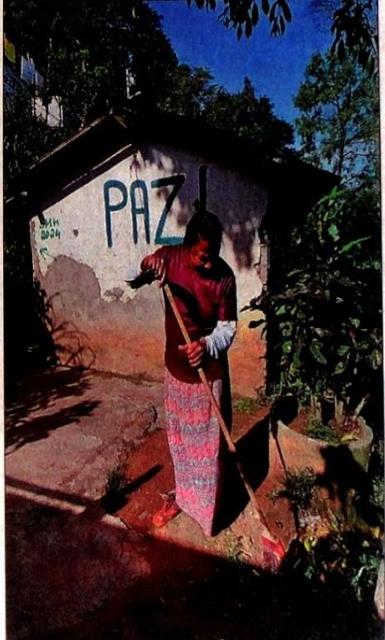
Carneiro aponta dois objetivos principais no projeto: orientar e informar. Para isso, está previsto um programa de reeducação ambiental

André Teixeira



ENCOSTA DO PAVÃO-Pavãozinho, em Copacabana: depósito de lixo

Ana Branco



VILMA DA SILVA, do Morro da Babilônia, não conta com coleta de lixo

Enquanto isso, na Rocinha...

Fonte: *O Globo*, 19 de setembro de 2011

Na mesma página em que se encontra a matéria apresentada na Figura 5, o jornal publicou uma ‘sub’ que contextualiza a situação da favela da Rocinha (Figura 6). Observando-se esse texto, percebe-se que a pauta foi de fato extraída do *Eu-Repórter*, mais especificamente da matéria intitulada “Problemas na coleta e falta de contêineres provocam acúmulo de lixo na parte alta da Rocinha, no Rio” (Figura 4).

Figura 6 – Matéria publicada no jornal *O Globo*



Fonte: *O Globo*, 19 de setembro de 2011

A partir da denúncia de um colaborador, o jornal passou a investir na cobertura do tema “Coleta de lixo em favelas do Rio de Janeiro”, apresentando uma série de matérias sobre o assunto. Os textos “No Dona Marta, lixo vale desconto de luz” (Figura 7) e “Novo modelo de coleta” (Figura 7) trazem uma nova abordagem do tema. Eles foram publicados na editoria Rio, no dia 20 de setembro.

Figura 7 – Matéria publicada no jornal *O Globo*



Fonte: *O Globo*, 20 de setembro de 2011

Os fragmentos abaixo (Figura 8) foram publicados no dia 21 de setembro de 2011, na editoria Rio. Ainda que indiretamente, os trechos repercutem um tema introduzido pelo *Eu-Repórter*. Ao ler o parágrafo que se encontra isolado, vê-se que o texto é um desdobramento da matéria “Coleta de lixo em áreas de UPP é reprovada” (Figura 5).

Figura 8 – Fragmentos extraídos do jornal *O Globo*



Fonte: *O Globo*, 21 de setembro de 2011

A matéria intitulada “Coleta no Dona Marta é precária” (Figura 9) foi publicada no dia 3 de outubro de 2011. Ela é um desdobramento dos textos veiculados nos dias 13, 19, 20 e 21 de setembro. O trecho: “A situação do Dona Marta reflete o que encontramos em outras comunidades”, faz alusão a comunidades que já foram mencionadas no texto “Coleta de lixo em áreas de UPP é reprovada” (Figura 5).

Figura 9 – Matéria publicada no jornal *O Globo*



Fonte: *O Globo*, 3 de outubro de 2011

A análise do modo como os conteúdos colaborativos publicados no *Eu-Repórter* se inserem no jornal *O Globo* evidencia que este último veículo tem conseguido explorar algumas potencialidades do webjornalismo colaborativo, utilizando a cooperação do público em benefício do jornalismo multiperspectivo proposto por Gans (2004). Ao mesmo tempo em que tratam de assuntos de interesse da coletividade, as matérias sobre as comunidades que enfrentam problemas relativos à coleta de lixo, mencionadas acima, prestam serviço à população. As análises também revelam que, como propõe Träsel (2006), o webjornalismo colaborativo pode complementar as informações divulgadas pela grande mídia.

3. Considerações Finais

A equipe editorial do jornal *O Globo* parece não encarar o webjornalismo colaborativo como uma ameaça ao jornalismo tradicional. Os conteúdos produzidos para ao *Eu-Repórter* têm espaço nas páginas do impresso. Porém, o grau de autonomia do colaborador é limitado. A abertura ao público é planejada, pois a equipe editorial determina

os espaços e a intensidade com que os conteúdos colaborativos se inserem no jornal. Como resultado dos dez dias de análise dos dois veículos, pode-se perceber que as produções de caráter colaborativo encontram-se, basicamente, em duas editorias do impresso: Opinião e Rio.

Os materiais de colaboração direta, fotos que levam o nome do colaborador, encontram-se estrategicamente inseridos na editoria de Opinião, revelando um esforço da equipe editorial para diferenciar o que é produzido por jornalistas daquilo que é feito pelo público. A intenção é separar o conteúdo colaborativo do restante do jornal, para resguardar a imagem de credibilidade do impresso. Na editoria Rio, todos os materiais são de colaboração indireta, ou seja, o nome do colaborador não é mencionado. A cooperação se dá por meio da “sugestão” de pautas.

O exemplo da coleta de lixo na favela da Rocinha é representativo. Indiretamente, a colaboração de um único leitor chamou a atenção dos jornalistas para os problemas que milhares de cidadãos, de outros lugares, enfrentam. A partir do material publicado no *Eu-Repórter*, *O Globo* investiu no assunto, produzindo uma série de textos sobre a situação da coleta de lixo em diferentes comunidades e sobre medidas que vêm sendo tomadas em cada lugar. Na cobertura, o jornal seguiu alguns princípios do jornalismo multiperspectivo, como a prestação de serviço e o tratamento de notícias de interesse da coletividade.

Apesar dos avanços, *O Globo* ainda tem um longo caminho a seguir no que se refere à valorização do conteúdo colaborativo e da figura do colaborador. Mesmo diante das múltiplas potencialidades trazidas pelos webjornalismo colaborativo, o que pode ser visto nas editorias Opinião e Rio é uma colaboração primária, semelhante à que acontecia por meio de cartas e telefonemas à redação. De todos os conteúdos disponibilizados no *Eu-Repórter* no período em que foi feito o levantamento, apenas 20% foram inseridos no impresso. O exemplo do jornal *O Globo* mostra que por trás do discurso de autonomia do público, ainda vigoram velhas práticas caracterizadas por uma cooperação tímida e restrita.

4. Referências

BRIGGS, Mark. **Jornalismo 2.0: Como sobreviver e prosperar.** John S. and James L. Knight Foundation, 2007.

GANS, Herbert. **Deciding whats news:** a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek, and Time. 25 ed. Northwestern University Press, 2004.

LINDEMANN, Cristiane. **A dualidade do webjornalismo participativo.** Estudos em jornalismo e mídia. Ano IV, nº 2, 2007, p. 47-58.

O GLOBO. Eu-Repórter. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/participe/mat/2011/09/13/problemas-na-coleta-falta-de-containers-provocam-acumulo-de-lixo-na-parte-alta-da-rocinha-no-rio-925348875.asp#ixzz1YSW9ymIo>> Acesso em: 19 set. 2011.

O GLOBO. Rio de Janeiro, RJ. 19 set. 2011. Ano LXXXVII. nº 28.532.

O GLOBO. Rio de Janeiro, RJ. 20 set. 2011. Ano LXXXVII. nº 28.533.

O GLOBO. Rio de Janeiro, RJ. 21 set. 2011. Ano LXXXVII. nº 28.534.

O GLOBO. Rio de Janeiro, RJ. 24 set. 2011. Ano LXXXVII. nº 28.537.

O GLOBO. Rio de Janeiro, RJ. 27 set. 2011. Ano LXXXVII. nº 28.540.

O GLOBO. Rio de Janeiro, RJ. 29 set. 2011. Ano LXXXVII. nº 28.542.

O GLOBO. Rio de Janeiro, RJ. 30 set. 2011. Ano LXXXVII. nº 28.543.

O GLOBO. Rio de Janeiro, RJ. 01 out. 2011. Ano LXXXVII. nº 28.544.

O GLOBO. Rio de Janeiro, RJ. 02 out. 2011. Ano LXXXVII. nº 28.545. Edição fechada às 20h15m.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **UNIREvista**. vol. 1, nº 3, julho/ 2006. Disponível em:

<<http://www.unirevistas.unisinos.br> > Acesso em: 10 jun. 2010.

TRÄSEL, Marcelo. O papel do webjornalismo participativo. **Anais SBPJor** 2006. Porto Alegre, 2006.